



16 de Julho de 2015

ES

EM DIA

21.05.2015 09:00

## TESTE DE RESISTÊNCIA



PEDRO CEZAR DUTRA FONSECA

Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da UFRGS

**A** crise grega vem sendo analisada por vários ângulos, mas é pouco explorado o fato de a Grécia sempre ter sido exemplo de bom comportamento. Desde a Era de Ouro de Péricles, há mais de 2 mil anos, os povos gregos se contentaram com o papel de berço da civilização, mesmo em um continente com alta propensão a guerras e conquistas. Inicialmente, o país resistiu a adotar o euro: foi praticamente forçado, pois pertencia à Otan e servia de escudo, na Guerra Fria, aos países do Leste e à Turquia – até hoje fora do acordo.

A crise atual se arrasta há anos e o país já fez dois ajustes ao gosto dos credores. Diminuiu salários nominais, privatizou, aumentou impostos, cortou pensões e mudou regras de aposentadoria. Como quase sempre ocorre nos ajustes desse tipo, eles não surtem o efeito desejado, pois o PIB cai em velocidade maior do que a dívida bruta e, com o empobrecimento, o déficit se torna relativamente mais dramático. Interessante é que os proponentes de tais medidas, FMI à frente, nunca as admitem como erradas ou ineficazes: interpretam-nas como insuficientes e recomendam aumentar a dose. Assim foi com Brasil, Argentina e Mé-

xico. Ocorre que esses, bem ou mal, têm um setor exportador capaz de gerar divisas e são atraentes para capitais externos. Já a Grécia não sabe de onde tirar: dever 180% do PIB é mais que destruição de guerra. A proposta de Angela Merkel, de taxar hotéis e turismo, é patética: afetará a última alternativa para atrair euros.

Os principais líderes europeus concordam, mas a Alemanha age com o poder que gostaria de ter na ONU

Obama já deu o recado para que se abrandem as exigências. Seria um desastre se a Grécia se rebelasse e criasse um enclave russo (ou chinês) no coração do Mediterrâneo. Os principais líderes europeus concordam, mas a Alemanha age com o poder que gostaria de ter na ONU: o veto. Entre a geopolítica de longo prazo dos estrategistas e os balanços dos bancos no final de ano, opta pelos últimos. O plebiscito mostrou que o limite está chegando, mas governo e parlamento, na prática, agem como se o sim tivesse vencido. Isso significa que mesmo a esquerda grega teme o rompimento com o euro. E que a crise atual só admite “soluções provisórias”, pois está longe de um desfecho capaz de acalmar eventuais perdedores.